

José De Cusatis

# OS ITALIANOS EM PETRÓPOLIS



1993

Edição da Câmara Municipal

PET  
981  
C 9  
(du)



## EM PREITO E EM RESGATE

Quando compareci à Câmara Municipal para a solenidade de entrega dos prêmios do Concurso de Pintura sobre temas petropolitanos e para o lançamento de mais uma edição do livro "Conhecendo Petrópolis", iniciativas e patrocínios do Legislativo Municipal, alegrei-me. Vi que os tempos eram outros. Que mudara a mentalidade. Que surgira, pela Mesa Diretora da Câmara e pelos Vereadores, o interesse por coisas da cultura, como um todo, para a Casa, em um global de interesses novos e da maior valia.

Cumprimentei e parabenizei o Presidente Márcio Arruda.

Em verdade esse fato provocou em mim a motivação de apresentar à Câmara Municipal os estudos e escritos que elaborara sobre "OS ITALIANOS EM PETRÓPOLIS".

Tendo a melhor recepção, de pronto, foi propiciada a edição deste fascículo, a contribuir na ampliação de informações para a História de Petrópolis. A Câmara patrocinaria, foi a decisão do Presidente Vereador Márcio Arruda que, logo, a tudo autorizou e liberou para que assim fosse.

Esta e outras, têm sido as melhores gratificações por dezenas de anos de magistério sofrido e por tanta dedicação às coisas da cultura petropolitana.

O meu melhor agradecimento ao Vereador Márcio Arruda, Presidente da Câmara Municipal, aos demais membros da Mesa Diretora e aos Exmos. Srs. Vereadores, dentre os quais, alguns, não esquecidos, meus ex-alunos. quais, alguns, não esquecidos, meus ex-alunos.

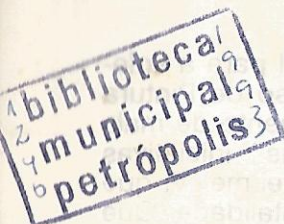
Prof. José De Cusatis

Petrópolis - História  
Petrópolis - Imigração  
Linha

1

981  
C984 i  
(dup.)

ESTA EDIÇÃO DE "OS ITALIANOS EM PETRÓPOLIS", patrocinada pela Câmara Municipal, é uma contribuição, para a História de Petrópolis.



### MESA DIRETORA

Presidente - Márcio Arruda  
1º Vice - Luiz Fernando Rocha  
2º Vice - Milton Rossi  
1º Sec. - Antônio Elias  
2º Sec. - Takaso Osako

### VEREADORES

Aloísio Barbosa  
Argenário Moraes  
Ari Silveira  
Fernando Coelho  
João Luiz Freitas  
Jorge Barenco  
Jorge Bernardo  
Gibrail Latuf  
Lucélio Ribeiro  
Mauro Pomin  
Paulo Marambaia  
Renato Freixiela  
Ronaldo Medeiros  
Wanderley Taboada  
Wilma Borsato  
Wilson Silva Júnior

## JOSÉ DE CUSATIS

Professor de História, Pesquisador, Historiador. Autor dos Livros: Ver, Ouvir, Viver, Contar...; O Rio da Serra; A Saga do Velho Albino; Festas, Folguedos e Falares; De Quando Ainda Professor; A História de São José do Vale do Rio Preto e A História do Município de Areal. Educador, é membro da Academia Internacional, Brasileira, Fluminense e Petropolitana de Educação. Historiador e Literato, é membro do Instituto Histórico e da Academia de Letras de Petrópolis. Ensaísta e Cronista, tem trabalhos publicados em várias revistas técnicas, culturais e literárias. Tem no prelo o romance histórico "O Quincas do Paredão", e sendo editada a História do Novo Município de Guapimirim. Está escrevendo: - Cinquenta Anos de História dos Canarinhos.

## NOMES E SOBRENOMES DOS ITALIANOS



Vista Panorâmica de Cascatinha. À esquerda o "SOBRADO" onde viveram os italianos da Aldeia de Pescantina. Ao fundo a Igreja, ainda em construção. Acervo do Museu Imperial - Reprodução: Raul Lopes.

Como sabido, os nomes das pessoas são compostos de prenome, ou nome próprio, como se diz e, de sobrenome, ou nome de família. Os nomes dos italianos, também. Só que, na Itália, o sobrenome vem na frente e o prenome, ao final, depois.

Assim, vejamos o caso do meu nome José De Cusatis, na Itália: De Cusatis Giuseppe. Então, além de ser traduzido para o português, é feita a inversão das posições das palavras, conforme o uso, daqui, ou de lá.

Raciocinemos sobre o seguinte caso: o italiano imigrado tinha na Itália o seguinte nome completo: Gnani Vittorio Ernesto. Em português, se feita a tradução, certa, seria: Vitório Ernesto Gnani. Mas, pessoas simples que eram, os antigos imigrantes e os tabeliães, resultou que o nome do imigrante ficou sendo: Guinani Vitório Ernesto. E, com o sobrenome de Ernesto, registrados os seus descendentes. Tudo por desconhecimento, desinformação, simplicidade ou ignorância geral, salvo sejam! Assim, o prenome Ernesto virou sobrenome e o nome de família Gnani, sofreu corruptela para Guinani e Ginvani, hoje, não sendo mais reconhecido como tal. Será o caso

de que os interessados requeiram nos Cartórios em os quais estão assentados os seus nascimentos, sejam feitas as retificações necessárias.

Mas, alheio a tudo isso, o velho Vitório, andava por toda Cascatinha e Itamarati, com a cesta de seus produtos às costas, gritando em pregão que anunciava as suas vendas e que o fez conhecido: "Viva Vittorio Emanuele! impim da Lemanha; batata da França; verdura d'Itália... Do meu sítio da Alcobacinha, no Itamarati..."

"E o tempo passou,  
A tudo mudou.  
Só registro dos idos,  
Na lenda ficou..."

Com esta mini-crônica inicio uma pequena série de registros sobre os Italianos em Petrópolis. Pioneirismo, ação, progresso, desenvolvimento. Sem embargo dos colonos alemães e seus méritos, entretanto, é bem verdade que os alemães vieram para a colonização, sob encomenda e contrato oficial, dirigidos para a implantação de uma economia agrícola, em terra de clima impróprio para isso e de topografia que, também, para tanto, não se prestava. E isso já era sabido, pois consta do Processo do Inventário de Dona Catarina Josefa de Jesus, mãe do Sargento Mór José Vieira Afonso, segundo dono da Fazenda do Córrego Seco e que a vendeu ao Imperador Dom Pedro I por vinte contos de réis.

E os alemães fizeram o que puderam, mas, em verdade, êxito não tiveram, malgrado o belo Plano Urbanístico de Koeler e a salvadora ação do Engenheiro Galdino Pimentel como segundo Diretor da Colônia, substituto de Koeler, depois de sua morte inesperada e trágica.

Com os italianos foi diferente: vieram espontaneamente, tinham os meios e os conhecimentos técnicos necessários e o operariado trazia iniciação técnica que, por menor que fosse, ainda como hoje em dia, seria muito mais valiosa que a adquirida aqui... E os tempos eram outros!...

Os alemães vieram e as circunstâncias os obrigava a ficarem, sem perspectiva de volta...

Já os italianos, ingressaram pelas sendas do comércio, hotelaria, prestação vária de serviços e indústria. E indústria pioneira, como a Primeira Indústria Brasileira de Seda, fundada por Edoardo Capitani ou a Cometa-Petrópolis, Societá Anonima, fundada pelo Cavaliere Carlo Pa-

reto, com duas fábricas, uma do Alto da Serra e outra no Meio da Serra, tendo um total aproximado de 6.000 operários.

E "OS ITALIANOS EM PETRÓPOLIS", virão a seguir, com os títulos:

- I - Os Ítalos
- II - A Fábrica Cometa
- III - As Associações Italianas
- IV - Famílias
- V - Notas e Curiosidades
- VI - Anágrafe
- VII - Os Italianos e as Madonnas
- VIII - Saga Padovana
- IX - 120 Anos - Cascatinha
- X - A Primeira Indústria de Sedas
- XI - O Theatro Dom Pedro, uma obra de italianos.

## DOS ÍTALOS

Estudando a vida da comunidade petropolitana e os seus aspectos históricos, destacam-se, de logo, os grupos de imigrantes europeus. Especialmente para a fundação da cidade chegaram os Colonos Alemães. Posteriormente, com o desenvolvimento, e para que este ocorresse, foram chegando outros contingentes de europeus, quase sempre de forma não-programada de imigração. Eram portugueses, espanhóis, árabes, italianos, etc. Notadamente os italianos tiveram na sua participação e vida comunitária um colorido especial. Se pela extroversão, alegria, gosto pela música; se pelo aceito e consagrado - em geral - da sua cozinha; se pelo dinamismo e trabalho operativo dos italianos, enfim, permanece na empatia dos petropolitanos, ou por ela mesma, o bom e agradável entendimento, a participação e o êxito, quase sempre, dos ítalos, nos vários campos da prestação de serviços, hotelaria, indústria, etc., a par de destaque na sociedade.

Radicados e participantes, na vida local criam de logo raízes.

Tornam-se naturalizados de forma espontânea pelo trabalho e pela dedicação às causas do desenvolvimento.

Quase todos católicos romanos, pela índole religiosa e pela devoção à Igreja, através dela integram-se ao povo em mescla e miscigenação que têm como de honra. Em nada são sectários. São na verdade, dos imigrantes, os muito simpáticos e sempre bem-vindos. Em Petrópolis deram prova de sua capacidade empresarial, como de resto em outras partes, buscando sempre a melhoria e o aumento participativo em favor da comunidade.

Hoje estão já na segunda ou na terceira geração de imigrados, mantendo suas tradições e os nomes destacados de suas famílias.

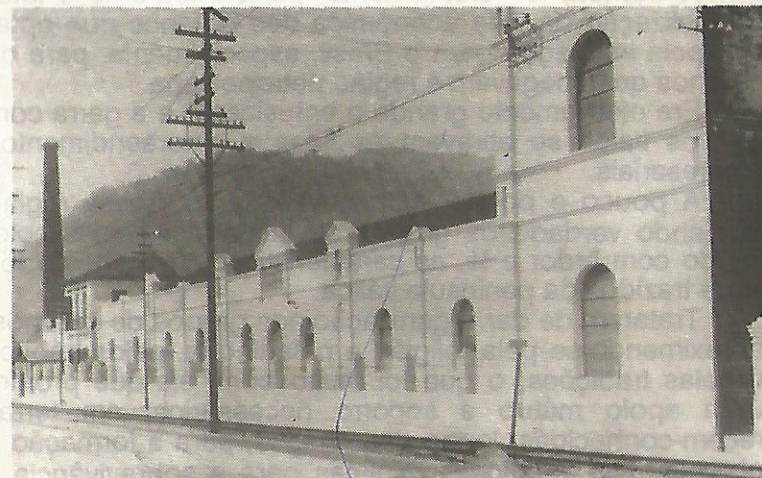
Continuam chegando novos ítalos. E no caldo social e cultural que encontram vão buscando meios e modos de darem continuidade à tradição e à galhardia que herdaram, e que exemplificam, dos aqui anteriormente radicados.

Em tentativa de arrolar os nomes de famílias italianas, são encontradas às centenas, sendo difícil enumerá-las e quase impossível estabelecer critérios para elaborar uma

primeira de várias listas que teriam de ser organizadas. Vale pois, divulgar como um todo "Os Italianos em Petrópolis", título da narração de seus costumes, tradições, lendas, histórias, e folclore.

Vale divulgar a vinda quase completa de uma Aldeia - Pescantina -; a organização das Sociedades Italianas de Beneficência e Mútuo Socorro; os seus conjuntos musicais; as indústrias que criaram; o comércio que realizaram e as suas atuações gerais na vida da cidade.

## A FÁBRICA COMETA



*FÁBRICA COMETA: Alto da Serra - Acervo do Museu Imperial - Reprodução: Raul Lopes.*

Cavaliere Pareto, imigrante italiano, indômito e empreendedor, já no ano de 1903, com um capital de dois mil e quatrocentos contos de réis ou quatro milhões de liras italianas, no mês de maio, fundou e instalou a Fábrica Cometa, em a qual, do capital em ações, detinha a maior parte.

A Cometa-Petrópolis, Società Anonima, que tinha no Cavaliere Carlo Pareto um dos italianos que melhor souberam desenvolver a indústria no Brasil, na verdade era constituída por duas fábricas, uma no Meio da Serra e outra no Alto da Serra.

A indústria funcionou com 336 teares a vapor, envolvendo um complexo de 9.000 fusos e ocupando aproximadamente 6.000 operários, quase todos italianos, para a produção de quatro milhões e meio de metros de tecidos.

Pareto tinha como Diretor da Companhia o jovem, culto e diligente Signore Italo Isabela, sócio da Companhia.

A Fábrica Cometa, como demonstração de seu êxito, fazia distribuição semestral de dividendos à base de aproximadamente 10% (dez por cento) do capital realiza-

do e ainda mantinha um fundo de reserva de mais ou menos 324:824\$380 réis, o que correspondia a cerca de 700.000 liras italianas.

A Cometa foi, efetivamente, parte integrante e fator de realização da vida econômica dos italianos que optaram pela imigração para o Brasil, especialmente, para os italianos que chegavam à região petropolitana.

Era efetivamente grande o entusiasmo e a garra com que os itálos se atiravam às lides e empreendimentos empresariais.

A pouco e pouco, aglutinavam-se na nossa região formando verdadeiros grupos de imigrantes, neles colocando com ardor e fé, as características, costumes e folclore trazidos da península itálica.

Trataram de dar organização aos grupos de italianos, aproximando-se pela religião e pela língua, pelos hábitos e pelas tradições, o que foi muito bom, eis que promoviam apoio mútuo e socorro necessários, em terras recém-conhecidas, longe dos amigos, para a formação e obtenção de condições mínimas para a sobrevivência e que os levaria a, radicados, terem da nova terra uma nova pátria. Para isso teriam de criar as condições mínimas.

Faltava-lhes quase tudo: escolas, hospitais, previdência social e tantas outras formas de suprirem suas necessidades. Entretanto, buscavam as soluções para essas questões dentro do próprio grupo de italianos, congregando-se e procurando viver em verdadeira comunidade, para auto-apoiarem-se e, com consenso, viverem de forma integrada, amiga e saudável.

Criaram sua própria escola para o ensino do português e do italiano, mandaram vir professor da Itália para o ensino do idioma pátrio e contrataram professores locais; trouxeram mesmo um Padre para a realização da liturgia católica em idioma italiano.

Para suprirem faltas na área totalmente carente da assistência social, fundaram quatro Associações Italianas: Società Italiana di Mutuo Socorro e Beneficenza, Società Vittorio Emanuele III, Società di Mutuo Socorro e Società Italiana di Mutuo Socorro di Cascatina.

Assim, aos poucos e com grandes esforços foram galgando patamares novos de tranqüilidade para a realização de seus sonhos de imigrantes livres nas terras abençoadas e de excelente clima a que chegaram na Serra Petropolitana.

O imigrante sempre sonha em seu projeto de vida. Os italianos, vindos de uma terra cheia de artes e criações, sonhavam sempre em colorido, tinham na alma o alento da música, das suas canções; dos seus próprios sonhos...

## AS ASSOCIAÇÕES ITALIANAS

Sabidas as dificuldades com as quais se deparavam os imigrantes italianos em Petrópolis, como de resto nas várias partes do país, não restavam aos itálos senão medidas de auto-defesa e as soluções que deveriam dar aos seus próprios problemas.

Com essa filosofia deram-se de mãos à obra de criarem Associações que os auxiliariam e valeriam em várias situações e dificuldades, mas não somente. Deveriam servir para a integração melhor dos italianos, ajudando e propiciando um clima de fraternidade, união e amizade entre eles.

Com esses objetivos foram fundadas Associações - "società", de italianos, beneficentes e de socorro mútuo. Duas dessas entidades funcionavam em Petrópolis, na cidade; outras duas no 2º distrito, em Cascatinha. Isso dá uma mostra do peso dos italianos de Cascatinha, que aglutinava mais de duas centenas de famílias.

A Società Italiana di Mutuo Soccorso di Petrópolis tinha por escopo assegurar um subsídio, em caso de doença e no de incapacidade para o trabalho e promover auxílio à família dos sócios falecidos. Os recursos desta Sociedade avultavam a vinte mil liras italianas. Foram do seu Conselho Diretor: presidente - Dr. Gianni Nazzi e secretário - G. Gambini.

A Società Vittorio Emanuele III, com finalidades idênticas, promovia, também, atividades sociais e artístico-musicais.

A Società Italiana di Beneficenza Principe di Piemonte, di Cascatinha, Stato di Rio de Janeiro: fundada em 6 de agosto de 1905, com finalidade de mútuo socorro, beneficência e instrução, teve como seus diretores Giuseppe Visano, Francesco Tilio, Sabato Benvenuti, Giulio Visani e Pompilio Giuntino; como conselheiros Francesco Coppola, Rinaldo Randini, Valentino Gasparini, Gherardo Dittadi, Gaetano Mansini, Francesco Banal e Arcangelo Ferro; como Benemérito, Genaro Pinto e como "Onorari", o cavalleri Attilio Serra, o Padre Dom Carlo Gallieri e Giovanni Baroni.

Destacaram-se na Società Principe di Piemonti-Prof. Carlo Parlagreco, Carmelo Palladini, Cavallieri Antonio Jannuzzi, Battista Scaldaferrò, Vincenzo Marchesi, Vitalia-

no Rotellini, Gaetano Segreto, Cavallieri Capitani e o Cavallieri Pareto.

Entre outros, foram fundadores da Sociedade: Rinaldo Bandini, Zampini Luigi, Infingardi Domenico, Ferdinando De Felippo, Giuseppe Galuzzi, Giuseppe Pellegrini, Francesco Buttolini, Giovanni Pietrobelli, Verecondo Sartori, Pietro Toraldo, Zeferino Demori e Pietro Cava.

La Società Operaria Italiana di Mutuo Soccorso di Cascatinha, fundada il 27 ottobre 1902, per iniziativa dei signori Remigio Rovigati, Benedetto Salvini, Cattacini Vittorio, Mariano Marchiori, Narciso del Santo, Mori Giuseppe, Archilio Olivieri e Battistoni Vittorio, em abril de 1904 instituiu uma escola mista, diurna e noturna, atendendo a mais de 100 alunos da comunidade italiana de Cascatinha. O Padre Dom Carlo Gallieri, honorário da Sociedade, juntamente com o Prof. Carlo Parlagreco foram de grande significado na escola mista da comunidade de imigrantes, garantindo o estudo da língua italiana e do português.

Francesco Scudese, Massimo Roversi, Alfonso Pao- ni, Luigi Mora e Giacomo Sandri foram baluartes dessa Sociedade Operária e muito contribuíram para sua consolidação e desenvolvimento.

Mas não ficavam nas atividades sociais e filantrópicas as promoções da Sociedade. Dela fazia parte a Banda Italiana de João Brandin, maestro e clarinetista. Essa excelente Banda de Música era constantemente requisitada para tocar nos Consulados, em Petrópolis e no Rio de Janeiro. Esse João Brandin, era avô do Prof. Ignácio João Naliato, símbolo de tenacidade, de evolução e elevação cultural e profissional, pela capacidade que teve de transformar-se de marceneiro em Cascatinha em Professor de Desenho nos Cursos de 1º e 2º graus, ilustrando o Corpo Docente dos melhores colégios petropolitanos.

De passagem: O ítal Padre Gambarra, bacharel em direito, no Tribunal do Júri, defendeu réus sem recursos, pobres e abandonados.

Também do mesmo Padre, quando estava sem dinheiro, "vendia" poltronas no céu!... Mas, quando novamente necessitado e obrigado a procurar as mesmas pessoas para pedir mais dinheiro, dizia terem ocorrido vagas nas poltronas do céu e que, uma melhor, mais bem colocada, perto de Deus, poderia ser trocada, houvesse uma doação de alguns mil réis...

13 biblioteca  
municipal  
petrópolis



## FAMÍLIAS

Das várias partes da Itália chegaram a Petrópolis famílias para a pouco e pouco formarem o grande grupo que auxiliaria tanto no crescimento e desenvolvimento da cidade. Chegaram vindos desde a Calábria, Basilicata, Abruzzos, Umbria, Veneto, Lombardia, Trentino, Friuli e Piemonte, não faltando os corsos, sardos e sicilianos.

Especialmente do Veneto, em uma grande imigração, em grande número, chegaram ao Brasil, em sua maioria vindo da Aldeia Veronese de Pescantina. Viajaram todos em um mesmo vapor. Praticamente veio uma Aldeia inteira - fato que se constitui em especial motivo de investigação sociológica - tendo, também, vindo junto o pároco da Aldeia de Pescantina. Pe. Dom Carlo Gallieri, acompanhando os imigrantes.

Quase todos trabalhavam em cotonifícios italianos.

A grande vila operária da Cia. Petropolitana, na parte em que se aplojaram os italianos, é conhecida até presentemente como "Sobrado". Todas as residências desse setor eram em construções de dois andares, assobradadas. Esse foi o grande núcleo italiano em Cascatinha. Lá viveram suas tradições e costumes, cultivaram sua língua pátria e amaram muito o Brasil. Ao Brasil deram tudo: os filhos, a própria vida! No "Sobrado" ficaram ecoando os sons dos seus diletos, das suas canções, das suas vozes fortes, dos seus gritos e seus palavrões..., gente de índole e temperamento fortes que era. Hoje, no "Sobrado", em toda Cascatinha ou por Petrópolis inteira estão seus filhos, seus netos, seus bisnetos, seus descendentes. Hoje, no "Sobrado", poucos sabem o quanto significou a "italianada" do "Sobrado", poucos informam, em quase nada ajudaram em nossa pesquisa com dados amplos ou mais concretos.

Entretanto, todos têm muito orgulho dos velhos italianos.

Para render-lhes preito que bem merecem, registramos vários nomes de famílias de colonos italianos, ligadas para sempre à vida de Petrópolis, seu progresso e sua gente, formando a sua Anágrafe.

## NOTAS E CURIOSIDADES

Estas notas serão para elucidação e arremate sobre pontos difusos relativos aos Italianos em Petrópolis.

1ª - Os italianos não foram colonos. Não vieram sob encomenda de serviço ou sob contrato. Eram imigrantes livres e espontâneos, com habilitação para o trabalho na indústria textil, quase todos.

2ª - Os ítalos se orgulham de que das famílias imigradas, em Petrópolis, nunca ninguém soube que qualquer dos descendentes ítalos se tivesse tornado bandido, ladrão ou assassino.

3ª - Para a indústria de tecelagem Cometa, imigrou uma aldeia inteira, a Aldeia de Pescantina, da região do Veneto. E como eram mais de 160 famílias, somando mais de 500 pessoas, a vila operária da Cometa não podia abrigar a todos. Foi por isso que a Cia. Petropolitana de Tecidos, de Cascatinha, alugou à Cometa a parte de sua Vila Operária conhecida como "Sobrado". Por esse motivo a "italianada do sobrado" marcou Cascatinha com suas cores próprias, na forma de sua sociologia.

4ª - Não foi uma única leva de italianos para a indústria. Foram várias. Mas, embora sob as características de imigrantes livres e não de colonos, foi a primeira, para a Fábrica Cometa. As chegadas de italianos a Petrópolis se deram de forma inorganizada, para várias outras indústrias, comércio, prestação de serviço e para livre iniciativa econômica; no centro da cidade, em bairros e nos distritos, como no antigo 5º distrito, atual Município de São José do Vale do Rio Preto, que teve forte grupo de ítalos.

5ª - A população ítala de Petrópolis proveio de várias



FÁBRICA COMETA - Meio da Serra.  
Foto: Raul Lopes.

e várias Regiões e Províncias da Itália. Do norte ao sul e das ilhas estão representantes aqui. E como assim, a comida, a cozinha italiana, não é uma única, nacional. É tipicamente regional. Por vezes, o mesmo prato tem nomes diversos, variando de região para região, embora, absolutamente iguais.

6ª - O norte, o centro e o mezzogiorno, em integração, fazem a universalidade do espírito itálico, por sua cultura de artes plúrimas e pelo acento, agudo, de sua religiosidade.

7ª - Os itálicos não têm patrono nem padroeiro geral. Cada igreja de cada comuna, por vezes, e muitas, tem mais de um padroeiro. Vejamos por exemplo: no norte, Santo Ambrósio; no centro, São Francisco de Assis, Santa Clara, Santa Rita de Cássia e São Pedro; no sul, San Gennaro, São Francisco de Paola, Nossa Senhora Achirópita e Nossa Senhora de Ripalta. E tanto e tanto mais, a formar com religiosidade, massa para a cultura popular e folclore.

8ª - Não tenho a meter-me a historiador dos italianos nem de Cascatilha. Deixo aos pósteros ou aos mais interessados, se bem que mantive com José Kopke Fróes a idéia e o compromisso de escrever sobre o tema. Fica, então, assim, e por esta via, resgatado.

9ª - Resta-me o ideal a realizar, e será breve, da Festa dos Italianos, ou que nome venha ter. Seria, possivelmente, em setembro, pela altura dos dias 17, 18 e 19. Este último, o DIA DE SAN GENNARO. Cuidado e muito cuidado se a festa nessas datas não for a do Santo, propriamente. San Gennaro tem o domínio sobre a peste e sobre as erupções do Vesúvio. E se a festa não lhe for do agrado, o santo por ser forte, poderá castigar. Que não seja assim, Amém. E se for na sua quadra de festas, não tenho dúvida, San Gennaro a dominará em breve para que seja mesmo uma Festa de San Gennaro, como na letra da canção do populário napolitano, itálico, universal.

### Curiosidades: San Gennaro

San Gennaro, bispo, padroeiro de Nápoles, foi degolado durante a perseguição dos cristãos no Império Romano quando reinava o Imperador Deocleciano, tempo em o qual Timóteo era o governador da Campânia que o

mandou prender e o condenou, inicialmente, à morte em uma fornalha. O fogo não tocou San Gennaro que saiu ileso. Timóteo mandou, então, que arrancassem os seus nervos. Milagrosamente, San Gennaro resistiu a este suplício. Como não aceitava renegar a sua fé cristã e aderir aos deuses pagãos, foi atirado a uma arena para ser devorado por feras na presença da multidão. Em vão! Os leões, tigres e leopardos, há muitos dias esfoameados, prostaram-se, lambendo os seus pés e fazendo festas com as causas. Por fim, San Gennaro foi conduzido ao patíbulo para morrer degolado no dia 19 de setembro do ano 332.

O seu corpo foi levado para Nápoles junto com a terra embebida pelo seu sangue.

O culto a San Gennaro aumenta com o perpétuo milagre que se renova na Igreja de Nápoles, a cada ano, quando no dia 19 de setembro, em duas ampolas de vidro que contêm a terra embebida pelo seu sangue, embora estando seca a terra e o sangue coagulado, começa a aquecer-se e a liqüefazer-se; ferve à vista do povo, como sangue vivo.

Próximo da Igreja do Santo, em Nápoles, foi erigida, em bronze, uma réplica da sua imagem, que um fervoroso napolitano prometeu ter o rosto coberto de ouro. Assim, a escultura tem do ouro a sua cor no rosto, o amarelo. Estava criada a partir de então uma forma carinhosa dos napolitanos chamarem o santo. Chamam-no de "o Cara Amarelo", o "Faccia Gialla", em italiano. E o apelido de "Faccia Gialla" popularizou-se e ficou consagrado na devoção dos napolitanos.

Anualmente, no dia da realização do Milagre da Liqüefação do Sangue, ansiosos, em suas orações, os napolitanos, na expectativa do acontecimento, invocam, fervorosos, aflitos e com insistência: - "Faz o milagre, Cara Amarelo!" Fa il miracolo, Faccia Gialla: - "Fa il miracolo!"...

Invocam fervorosos, aflitos, ansiosos e com insistência porque, se o milagre não se realiza, o povo interpreta como presságio de grande infortúnio, que sempre ocorre. Quando o sangue se liqüefaz a multidão prorrompe em gritos, num entusiasmo delirante. San Gennaro é considerado protetor contra os flagelos das pestes e as erupções do Vesúvio.

## ANÁGRAFE

Mais de mil famílias italianas em Petrópolis. Este o resultado de longa e exaustiva pesquisa na tentativa de colaborar para a futura História dos italianos em Petrópolis.

Fato é, entretanto que este elenco de nomes é uma contribuição para o estudo da genealogia dos ítalo-petropolitanos.

**(A)** Abbazio - Abbiate - Agostini - Agrela - Alaverse - Albanese - Albesano - Alcure - Aldighiere - Alevato - Allievi - Almenora - Amadeo - Ambrósio - Amicabili - Amoglia - Amorelli - Andrea - Andretti - Andriolo - Angonese - Aquino - Armani - Arrogoni - Arrigicci - Attademo - Avelino - Avioti.

**(B)** Bacharini - Bacherini - Baffi - Baddini - Baldanzo - Baldini - Baldiati - Banal - Banali - Bandini - Baravelli - Barbi - Barbiero - Barcante - Barenco - Barillo - Baroncini - Baroni - Basso - Bataglia - Batelli - Battistoni - Beghini - Bellardi - Belinaso - Bellino - Belianni - Bellizzi - Bello - Bellotti - Benecho - Benetti - Benevenuti - Beninnatto - Beradinelli - Bergamini - Bernadi - Bernadini - Berrondo - Bertamé - Berto - Bervilato - Bessa - Bevilacqua - Biagioli - Bianchi - Bianchini - Bianco - Biasi - Biazzi - Bifoni - Binato - Bini - Biolchini - Bissoli - Bombonatti - Bomgiovanni - Bomtempo - Bina - Binanno - Bonato - Bondin - Bontti - Bonecelli - Bongonne - Bonsaver - Boquipani - Borali - Bordignon - Borgovi - Borlido - Borsato - Bortolo - Bortoloso - Bortolotti - Bortoloto - Bortoletti - Bortolozzi - Borzino - Bosco - Bozano - Bozati - Bozza - Bragato - Braggio - Brandin - Brandolin - Bresciani - Brunini - Bruni - Bruno - Bulgarelli - Buttorini - Butturini.

**(C)** Caburi - Caetano - Caburtini - Caccese - Cardinelle - Caldara - Cammarota - Campagnella - Campanola - Campedelli - Canalli - Canato - Canazzio - Candiota - Canelli - Canizza Canova - Cantalice - Cataluppi - Capachi - Capbianco - Capellaro - Capelle - Capello - Capitani - Capbriano - Capua - Caputo - Caratori - Carbone - Carbonele - Cardia - Cardinelli - Carelli - Cariatti - Caricchio -

Carli - Carloto - Corni - Carnascialli - Carnevale - Caroli - Carpio - Carpizo - Carrano - Carrozzino - Caruso - Casali - Casamasso - Casare - Cassianó - Cassinelli - Castelanni - Castelli - Castello - Cattistini - Castellete - Cataldi - Catrini - Cattacin - Cattacini - Cava - Cavalcanti - Cavaliere - Cavalari - Cavalliere - Cavassoni - Cavoli - Ceschini - Cestari - Cetari - Cetrangolo - Chamarelli - Cherandi - Cheragati - Chevatarese - Chiacho - Chiaratte - Chiasso - Chiavazzoli - Chierighino - Chigginio - Chinescanci - Chinescalchi - Chiati - Chrigati - Chitarnelli - Ciambelli - Ciancio - Cilento - Cinelo - Cinescalchi - Cogliatti - Cola - Colacino - Colagrossi - Colangelo - Colombaroli - Colombo - Condi - Condolo - Conforti - Conte - Continni - Coppola - Croccia - Comes - Cutrupi.

**(D)** D'Agostino - D'Aiuto - Daito - Dalcero - Daldin - Dale - Dallin - Dalmaso - Damaso - Damazio - D'Ambrosio - Damico - Damigo - D'Angelo - De Biasi - De Carolis - De Carous - De Cassia - De Cordis - De Cuto - De Cusatis - De Cunto - De Felipo - De Franco - De Lucchi - De Nandi - Delarioli - Delia - Di Marco - Delloca - Del Santo - De Marco - Demarchi - Demaria - Demello - De Polli - Demori - Depoli - Derrico - Dezane - Di Benedetti - Di Giorgio - Di Lonardo - Di Spagnolo - Distasio - Difini - Dilorenzo - Ditadi - Daffini - Dolabella - Dolavalle - Donadio - Donato - Domminici - Donzelle - Doria - Dorigo - D'Oro - Dorsi - Druta.

**(E)** Eboli - Edcelvita - Ernesto - Esposti.

**(F)** Fabello - Frabriani - Fanti - Frabricio - Facchetti - Faccini - Facciola - Fadin - Fagliardi - Falcone - Falconi - Faraco - Farchi - Farro - Fassano - Favaretto - Favero - Fazzioni - Feleppa - Felicetti - Felipe - Felizzola - Feo - Ferrera - Ferrari - Ferraro - Ferri - Festa - Filardi - Filippo - Filippone - Fioratti - Fioravante - Fiorenzano - Fiorese - Fiorini - Firenze - Folgosi - Fontanella - Fonte - Fontenelle - Forcella - Forcelli - Formicella - Formicoella - Fornari - Fortuna - Forze - Forsari - Fossati - Frageli - Fragomeni - Francioni - Franco - Federici - Fregonesi - Frinzi - Frugoli - Fugigliando - Furio - Furlanetto.

**(G)** Gaelli - Gaino - Gaifatto - Galante - Galdi - Galdiano - Galli - Galiani - Galiano - Gallieri - Gallo - Gallotti - Gallucci - Galluzzi - Gamarano - Gamberali - Gamberoni -

Gambini - Gandolfi - Gangemi - Gappo - Garaventa - Garboni - Garofalo - Gasparini - Gasparri - Gasteldelo - Gastaldi - Gastaldo - Gastardelli - Gatto - Gaviolo - Gazanego - Gazeta - Gazineo - Gazoni - Gelli - Geralcino - Gentile - Geraldini - Gerbasini - Gerbassi - Gerzin - Gerizini - Ghiata - Guiatza - Ghiggino - Ghilardi - Giacco - Giacomo - Gianini - Giardini - Giarola - Giese - Giffoni - Gioia - Giorgi - Giraldi - Girardi - Giuntilio - Ganzi - Garito - Goldoni - Gornattesi - Gorni - Ginvani - Gnani - Guinani - Gracie - Gracioli - Gambarra - Granato - Gransi - Grandi - Granzino - Grazinoli - Grassi - Gratacós - Gravina - Grazinoli - Grazziano - Grecco - Grechi - Gregório - Grelle - Grillo - Grizendi - Grossi - Grosso - Guarino - Guarisi - Guarnascelli - Guasi - Guerra - Guerrieri - Guglielmo - Guida - Guidini - Guida - Guido - Gullino - Guto.

**(I)** Ielo - Ildio - Imbelloni - Imbroisi - Imboisi - Infingardi - Infrata - Iorio - Isabela - Iozzi.

**(J)** Jannuzzi - Jeucarelli - Jereisati - Jordano - Justa.

**(L)** La Belle - La Pena - La Roque - Labanca - Lagreca - Lamarca - Lamare - Lamberti - Lamenzo - Lancellotti - Lordoza - Larini - Lauria - Laviola - Lavrado - Lazaro - Lazzarini - Leardini - Lenza - Leonardos - Leonardo - Lombardi - Leonello - Lettuce - Liberti - Liberato - Libonatti - Licastro - Lidizzia - Lilla - Limongi - Lioizio - Lippi - Lobiato - Lobbiano - Locasso - Lodi - Lorenze - Lorenzo - Lorio - Lozada - Loto - Lotti - Lucoa - Luchetti - Luchi - Luisello - Luzi.

**(M)** Maccachero - Macarini - Macharotto - Maco - Maggiotto - Magini - Magrani - Maldare - Malgeri - Manco - Mandaro - Mandini - Manetti - Mangeon - Mangia - Mannarino - Mantovanni - Manuzzi - Mansini - Manzani - Manzini - Marafelli - Marchese - Marchi - Marchiori - Mardi - Marelli - Margiotta - Mari - Maricato - Marinetti - Marmelata - Marotti - Marchesini - Martelli - Martelo - Martinelli - Martino - Martuchelli - Marturelli - Mazano - Marzullo - Mascherda - Mascheroni - Mascherpa - Mastrangelo - Mazi - Massambani - Masse - Masena - Massi - Matioli - Matta - Mazza - Mazzantini - Mazzarelli - Mazzeo - Mazzeu - Mazzi - Mazzocco - Mazzoli - Mazzoni - Medella - Madici - Medicis - Melandri - Melatti - Menicucci - Mesitieri - Messa - Miato - Miceli - Michelin - Michelli - Migrandi - Migliaci - Migliora - Mi-

gioranese - Migliorelli - Mignoni - Milana - Milanez - Milane - Milano - Millone - Minatelli - Minuzzo - Miosso - Michelotti - Miguelotti - Mozzi - Molinari - Molinaro - Mollica - Mondeli - Montagne - Monte - Montebello - Montecobre - Montello - Montenegro - Montesso - Montezano - Monza - Mora - Morani - Moratori - Morelli - Mori - Morimotto - Moscatelli - Mosso - Motta - Mulinari - Mulino - Murta - Murucci - Musa - Mussi.

**(N)** Nabuco - Naliato - Nazzi - Nastari - Nanetti - Negri - Nicolai - Nicolliello - Nigri - Nodare - Nogara - Nolasco - Nolete - Noro - Notaroberto - Notini - Novarini - Novato - Novelli - Novello - Notti.

**(O)** Occhi - Odescalchi - Oddo - Odoni - Odorizzi - Olivetti - Olivieri - Orange - Orico - Orosco - Ottati - Otochi - Ottoni.

**(P)** Pacifici - Pacitti - Paco - Padilla - Padron - Padua - Padoa - Padova - Paduano - Padovano - Padula - Pagliaro - Pallarini - Palladini - Paletta - Panaro - Panasso - Pandolfi - Pantolla - Paola - Paoni - Papaleo - Pains - Papinutto - Paranizi - Pareto - Parizi - Parlagreco - Parulla - Paschoaleto - Pasqualli - Pasqualini - Pastori - Pastorini - Patolea - Pavarini - Pavanetto - Panonne - Pazeto - Pescatti - Peccini - Pedovanni - Pedrotti - Pellegrini - Pellicano - Pelliccino - Pencinatto - Pentagna - Peralta - Perantoni - Perdomo - Perillo - Perini - Peroni - Perusi - Perroni - Perrotta - Pesci - Pessamiglio - Pessurno - Petraglia - Petresco - Petrocchi - Pesente - Pezza - Pezzuto - Picchi - Picoli - Pietrobelli - Piobel - Piobeli - Piombelli - Pieroli - Pimbeli - Pipitto - Piredda - Pissurno - Pitigliani - Pizzi - Pizzunga - Portella - Pozzoloto - Poletti - Pomarico - Pomin - Pompeo - Poncioni - Pongetti - Possato - Pozza - Pozzato - Pozzato - Pozzi - Pratini - Prendin - Premitali - Prieto - Priori - Privitera.

**(Q)** Quadrelli - Quarti.

**(R)** Rabetti - Rabottini - Racco - Rigo - Rocco - Rofinette - Romanelli - Romano - Ronchette - Ronconi - Roncaroni - Rozella - Rossi - Rossignoli - Rotellini - Rotundo - Roversi - Rovigatti - Ruffini - Ruotulo - Ruschi - Russi - Rizzo.

## OS ITALIANOS E AS MADONNAS

Pela altura dos anos da década de 1870, os Barões do Café, que já desejavam a libertação dos escravos, pois que a escravatura, em verdade, lhes parecia cara, não-lucrativa o suficiente, difícil de manter por todos os motivos e ordens de razões, receberam, com surpresa, notas de informações sobre que na Família Imperial era consensual que o fim da escravidão no Brasil deveria ocorrer, mas, isto sim, após iniciada a grande imigração que seria propiciada, em tentativa de superação e de melhoria para as necessidades de mão-de-obra, em geral.

E assim, foram chegando os italianos da Província de Reggio Calábria, Região de Rossano e de Cerignola, Província de Foggia, na Região de Puglia, de terras entre os mares Tirreno, Adriático e Jônio. Desembarcados em Santos eram encaminhados para a Hospedaria dos Imigrantes, no Brás, atual bairro paulistano. Após, iam para a Hospedaria do Largo do Piques e seguiam em pesadas e infeliz desdita para fazendas no interior paulista, onde suportaram as mais cruéis e ácidas agruras e de permeio aos escravos habitaram senzalas e tiveram tratamento escravocrata que lhes causaram indignação tal, a fazerem correr a seguinte forte e sentida frase: "Cazzo!"... O que viemos fazer aqui? se a diferença é de que lá éramos mandados em italiano e aqui somos mandados em português?!... E como os negros, escravos e infelizes, tentavam fugas... Fugiam dos horrores, do que viviam... E nas fugas, um grupo de rosanos (rossanesi), e mais tarde, outro grupo, de cerignolianos (cerignolesi), foram ter ao Largo do Piques, atual Praça da Bandeira, no centro da capital paulista. E a partir daí, lutaram em sub-empregos, vendas de mercadorias: leite, queijo; marcenaria; serviços de hortelão; criação de aves e porcos; fabricação "artigiana" (artesanal), de pães, doces, biscoitos e massas; vendas, comércio, etc. **Dessa gente, várias famílias chegaram a Petrópolis.**

Nossa Senhora Achiropita, cuja origem devocional segue da história de que em 580 depois de Cristo, o capitão Maurício desviado pelos ventos, chegou numa aldeia calabresa, na Itália. O monge Efren foi-lhe ao encontro e disse-lhe: "Não foram os ventos que te conduziram para cá, mas Nossa Senhora, para que tu - uma vez Imperador - lhe construas um templo". Em 582, Maurício tor-

**(S)** Sabbadin - Sabadini - Sabatini - Sachetto - Saci-lotti - Sadocci - Sagesse - Salerno - Salvato - Salvini - Samartini - Sandri - Sanseverino - Santelli - Santini - Santoro - Sapoti - Saraceni - Saramella - Sartori - Savarese - Sbraggia - Sacaliussi - Scaldaferrari - Scali - Scarabotolo - Scardini - Scarlateli - Scarpa - Scartoni - Schettino - Schiffino - Scoloro - Scofano - Scorcelli - Scorfani - Scudesi - Secco - Segreto - Semola - Sento - Sereno - Sespa - Sestari - Seta - Seve - Severini - Schetini - Schirato - Siano - Siccardi - Sierni - Sillero - Simioni - Sinescalchi - Singulani - Sirimarco - Siniere - SOave - Solla - Soglia - Sollia - Spazio - Spindola - Spinelli - Stacciarini - Stanato - Stefanini - Stefanuto - Stelio - Stela - Stile - Storti - Storeli.

**(T)** Tagliaferro - Talarico - Tamancoldi - Tanini - Tarranto - Tarcinari - Tarcitano - Tardelli - Tardin - Tardioli - Tassi - Tenan - Temponi - Tilio - Timboni - Timponi - Tirabochi - Tomazoni - Toraldo - Torino - Torloni - Tornaghi - Tornatori - Torrescazana - Torri - Trotora - Toscano - Tosta - Totti - Tozoli - Traleone - Tradiza - Trani - Tratti - Tregaragni - Tregnaghi - Trisuzzi - Trizzino - Troca - Trocoli - Troisi - Tritino - Trotta - Truci - Truffa - Tuche - Tussoli.

**(V)** Vaghi - Vacari - Vaccarini - Valase - Valdetaro - Valentone - Valone - Vantini - Vanzan - Vanzillotta - Varelli - Varicchio - Vazelli - Vasti - Vecchi - Veca - Vecco - Vedovani - Velloza - Velzi - Ventura - Venturini - Veraldo - Veskovini - Vettori - Vichi - Vichi - Vigiani - Vigilato - Vincenzi - Visoni - Vissoto - Vitale - Viterbo - Vivacqua - Vivarelli - Vivarini - Viviani - Vizani - Vizini - Volgari - Volpato.

**(Z)** Zaccarini - Zainotti - Zambelli - Zamperin - Zampieron - Zampini - Zanatta - Zancanelli - Zanei - Zanellatto - Zanetti - Zanferrari - Zanon - Zamperini - Zappala - Zechinelli - Zeitune - Zennaro - Zimmaro - Zironi - Zitroni - Zocatele - Zoffoli.

nou-se de fato Imperador, e cedendo à insistência do Monge, decretou a ereção do Santuário, que bem depressa chegou ao término. Não assim, a pintura: aquilo que de dia era feito, de noite desaparecia.

E os guardas nada sabiam. Uma noite, de improviso, apareceu uma belíssima Senhora, que despediu o vigia. Ao alvorecer o responsável quis entrar, pois a Senhora ainda não tinha saído. Viu no fundo da parede uma imagem lindíssima de Nossa Senhora, mas a Mulher não estava... O povo acorreu e, entre lágrimas e cantos, aclamava: Achirópita! Achirópita! isto é: Imagem pintada sem a mão do homem.

Uma outra devoção tem curso, mantida por um grupo de descendentes dos "cerignolesi" (cerignolianos). É a devoção a N. Sa. de Ripalta, que se declina no seguinte resumo histórico":

Sobre uma amena colina, às margens do Rio Ofanto, distante nove quilômetros da cidade de Cerignola, na Itália, está o santuário de N. Sa. de Ripalta, que outrora, era uma capela pagã, construída cerca de trezentos anos antes da vinda de Cristo, dedicada à deusa "Boa", conforme a inscrição ali existente assim expressa:

ARAM  
BONAE DEAE  
Ex. S.P.C. Eq P.F.P.S.

No tempo das perseguições às imagens, pelo Imperador Leone Isaurico, um grande quadro de N. Sa., de madeira, foi escondido em uma caverna, nas vizinhanças do Rio Ofanto. Com a morte dos que conheciam o seu esconderijo o quadro ficou esquecido. Em 1172, o Ícone Sacro, foi encontrado por um grupo de malfeitores, pois, naquela época, os campos da baixa Itália, eram infestados por hordas de ladrões. A caverna servia de refúgio e de albergue aos malfeitores. Estes, necessitando alimentar o fogo, quiseram transformar, em lenha, a grande tábuca sobre a qual estava pintada a imagem de Nossa Senhora. Um deles, batendo diversas vezes com uma machadinha, viu sair sangue do rosto de Nossa Senhora. Ele e seus companheiros, aterrorizados, fugiram. Esta é a tradicional história de antiga memória, contada de pai para filho.

O anúncio do encontro e do milagre da Virgem Santíssima, chegou, como por encanto, ao povo de Ce-

rignola, que, logo, amando-a como Mãe, acorreu pressuroso para vê-la e começou a invocar "Madonna di Ripalta", por estar a caverna, situada numa margem alta do Rio Ofanto, (Ripa: margem) (Alta: alta). Daquele momento jubiloso, Cerignola, tornou-se a cidade fiel da sua "Madonna" e a "Madonna a mãe afetuosa e meiga de Cerignola".

A imagem foi reconduzida à sua primitiva morada, o antigo templo pagão, condignamente reparado e transformado em Santuário. Nesse Santuário Rural, ela permeia de setembro até o mês de abril, quando é transportada para a Catedral de Cerignola, construída em sua homenagem. Em setembro volta para o Santuário Rural, acompanhada por numerosíssimo povo devoto. A festa é em 8 de setembro.

N. Sa. de Ripalta é venerada desde os fins do século passado, quando os imigrantes de Cerignola trouxeram um quadro com a sua imagem. Atualmente, na belíssima, acolhedora e aconchegante igreja decorada e pintada pelo grande mestre Pietro Gentili, construída pelos beneméritos e abnegados Padres da Divina Providência de D. Orione, a imagem de N. Sa. de Ripalta ocupa um lugar de destaque, à direita do Altar-Mor.

Seja lenda ou história, um fato é certo, desde o século doze, em Rossano, esta devoção é no dia 15 de agosto.

O título de Achirópita tem sua significação simbólica: sem mão humana pintada. Quem fez Nossa Senhora foi Deus e Ele A criou para ser Mãe de seu Filho feito homem e, portanto, sem pecado original e cheia de graça, e A orou de todas as virtudes, para que ninguém A igualasse. Em consequência nenhum artista poderá reproduzir em telas ou estátuas a beleza - ainda que física só - de Maria, pois está acima de todas as criaturas.

**Nota:** Os Tregnaghi e os Braggio, de Cascatinha, chegaram por Santos, estiveram na Hospedaria dos Imigrantes, no Brás, e na Hospedaria do Largo do Piques, atual Praça da Bandeira, em São Paulo, no ano de 1896. Eram, inicialmente, de San Bonifácio, perto de Verona, depois mudaram-se, por razões de casamento, para a Aldera de Pescantina, que imigrou inteira para o Brasil, vindo para Petrópolis bisavós e avós dos descendentes ita-

los ainda hoje radicados e petropolitanos. A Aldeia de Pescantina imigrou inteira, vindo, inclusive, o Padre e o Prefeito. É um fato sociologicamente da maior importância e de grande relevância na história dos imigrantes e na história de Petrópolis.

## SAGA PADOVANA



Parte do "SOBRADO" em Cascatinha onde viveram os italianos. À direita, parte dos cercados chamados "CASOTTOS". Foto: Raul Lopes.

A amizade, as artes, as lembranças, muita conversa e muita bossa a possibilitarem renovações de fatos conhecidos e revelações que traziam mais notícias para esta nota histórica sobre os imigrantes italianos, sobre os tecelões, sobre Cascatinha.

A tarde estava reservada para uma visita ao Prof. Ignácio João Naliato, itálo, oriundo, de Cascatinha. Na vitalidade de vida que tem aos oitenta e três anos de idade, oferecia licor e assistia um vídeo de Pavarotti, em Londres.

Tivemos mais de trinta anos de coleguismo e amizade no magistério petropolitano, artista do lápis e professor de desenho que foi.

A nossa italianidade levou-nos a falar sobre a velha Cascatinha, dos anos 20 e dos anos 30, lembranças de mais de meio século. Contou: o velho Naliato era de Padova, terra dos famosos afrescos de Giotto na Capela de Arena e da Basílica de Santo Antônio. Victorio Naliato, seu pai, casara-se com Amábile Brandin, filha de João Brandin, tecelão e músico-chefe do Grupo Musical Carlos Gomes, do qual participaram músicos das famílias Baldini,

De Polli, Nanete, Piobeli, Paoni e muitos outros, aproximadamente, vinte músicos de primeira água, requisitados para tocatas nos vários Consulados no Rio de Janeiro. Do padovano Naliato provém Luiz Naliato, pai do herói petropolitano e ítalo, oriundo, de Cascatinha, HIVIO NALIATO, morto na segunda grande guerra. Moravam na Vila Operária da Cia. Petropolitana de Tecidos, constituída por quatro grupos de residência: as casas; os quartos; o sobrado e o gueto. Nas casas moravam famílias; nos quartos, solteiros; no sobrado, a Italianada; no gueto, um grupo de operários à parte, privilegiados ou graduados. Curioso que sobre a convivência dos italianos, se soube que os de Cascatinha, se mantinham separados dos do Alto da Serra e do Morin; que os do Meio da Serra não se integravam com os restantes. Era resultado de rivalidades das várias sociedades italianas e do apuro com que realizavam seus trabalhos e tecelagem na Fábrica de Sedas, na Cia. Petropolitana de Cascatinha e nas duas Fábricas da Cia. Cometa (Alto da Serra e Meio da Serra). Tanto que, no final dos anos trinta, em Cascatinha só vivia uma família dos que trabalhavam na Cometa, os Chinescalchi, cujos membros: Caetano, Pasqualini e Tanina, trabalhavam na Cometa do Meio da Serra.

E iam fluindo as lembranças do Prof. Naliato sobre: o velho Brandin, que era sacristão do Padre Gambarra; Spartaco Banal foi seu professor primário na Escola do Bogari; o velho Salvini, muito gordo, tinha um bar no quiosque junto à estação, gostava muito de uma pitada de rapé bem torrado; Paoni, tinha açougue; Macachero, uma padaria na rua Bernardo; Jacob Naliato, tinha um armazém na Estrada da Saudade, próximo da sede do Rancho do Amor, para quem, quando jovem, o futuro Prof. Naliato trabalhara, percorrendo duas vezes por semana as casas dos italianos para anotar os pedidos de compras que, depois, voltava, sacó às costas, para entregar; Demori, tinha moinho de fubá e fábrica de sabão no Retiro; Giacomo Sandri era o porta-bandeira da Sociedade Italiana de Cascatinha e disso tinha grande orgulho; Armani era sócio dos grandes negócios de Rovigatti; Baccherini era tecelão, mas fazia massa caseira para vender na passagem do trem às 8 da manhã, e a italianada passou a comprar seu macarrão, origem da indústria de massas que se desenvolveu a partir da rua Bernardo; Ciambelli, era amante de teatro e do Clube Bogari; Salvini,

depois do bar do quiosque, teve hotel e campo para o jogo da Bocha; Rovigatti, tinha estância, de lenha, moinho de café, armazém de secos e úmidos, era alto negociante; Favero era comerciante, para cuja loja, o Prof. Naliato fez muito saco de papel para vender em sua mocidade... Pastorini teve salão de barbeiro e foi pioneiro instalando malharia; Manzanni era dono de estábulo e tinha grande produção de hortaliças; Scudesi era mestre de obra e dono de carpintaria.

E o velho Prof. Nalito, em sua saga, lembra ainda dos Grecco, Gióia, Infingard, Sartori, Ditadi, Zamparini, Scardine, Olivetti, Massambani, Bonsaver, Biazzi, Bortolozzi, Bortolo, Bragato, Canato, Chinescanci, Pastorini, Pozza, Tuche, Tilio, Toraldo, Marchiori, Meglioranci, Manette, Vanzan, Volpato, Zanei, da cerveja e do guaraná na Indústria de Bebidas Mora. Lembra ainda que Bogari é um arbusto da família das oleáceas, cultivado em jardins e cujas flores são brancas e aromáticas.

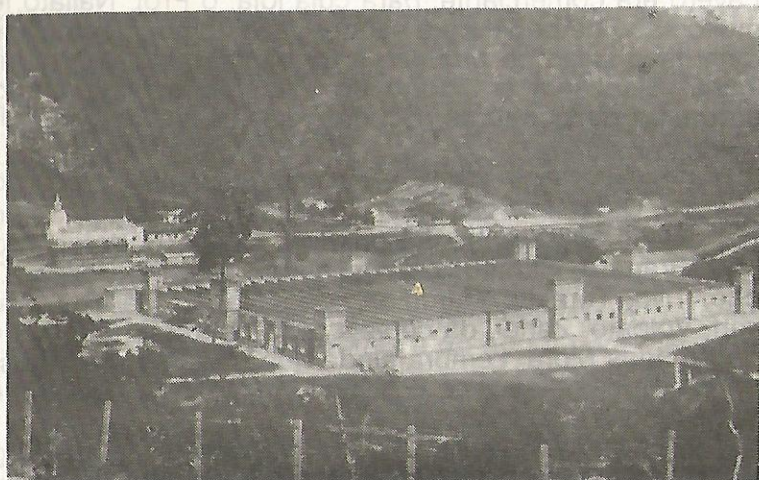
Não esquece e não esquecerá jamais da sua Olga Baldini Naliato que, com ele construiu, em uma vida, a sua "Saga Padovana".

NOTAS: Em frente a cada residência do "Sobrado" os italianos faziam um cercado para guarda de ferramentas, uma pequena horta e mantinham amarrada uma cabra para o leite das crianças e da família. A esse cercado davam o nome de "casotto".

A água não era encanada, era servida por grandes torneiras e cada família possuía uma tina como reservatório. As tinas eram abastecidas pela água das torneiras que corria em um taquaruçu por cujos nós cortados a água chegava até as tinas.



## 120 ANOS - CASCATINHA



*Vista Panorâmica de Cascatinha ao tempo dos italianos - Acervo do Museu Imperial - Reprodução: Raul Lopes.*

Nos dias 2 e 3 de outubro de 1993, depois de adiamento por uma semana em virtude do mau tempo, uma comissão tendo à frente Wilma Borsato, realizou uma festa popular para comemorar os "120 anos de Cascatinha" e lembrar os "Colonos Italianos" que viveram naquele simpático e sempre querido distrito de Cascatinha.

Teve banda de música, competições, macarronada e vinho na praça da Igreja de Santana e São Joaquim: Guido Salvini deu o vinho e os Baccherini a massa para o macarrão que comemos e estava muito bom, muito bom tudo, especialmente a interessantíssima exposição de documentos antigos e fotos sobre o lugar e sua história, sobretudo, sobre a Companhia Petropolitana de Tecidos e sua comunidade.

E em meio a esses documentos e retratos antigos, revi com muito prazer antigos alunos, vários, do Ginásio de Cascatinha, que ajudei a fundar com o nome de Belisário de Assis Fonseca e depois a transformar em Ginásio Estadual de Cascatinha, atual Colégio Estadual Irmã Cecília Jardim.

E encontrei, em destaque, reprodução da Carta Im-

perial dada por Dom Pedro II, autorizando o funcionamento da Cia. Petropolitana de Tecidos, datada de 17 DE SETEMBRO DE 1873.

Ora, pois, vale informar que, não como constou em tudo e no geral da belíssima festa, vinda em muito boa ocasião, que:

1º - Não se trata de Decreto do Imperador, mas de Carta Imperial.

2º - A data não é 20 nem 22, mas 17 de setembro de 1873.

3º - A Carta Imperial NÃO FUNDOU CASCATINHA, mas, e somente, AUTORIZOU o funcionamento da indústria de tecidos local.

4º - Os italianos foram IMIGRANTES LIVRES, voluntariamente tendo viajado para trabalharem no Brasil, NÃO FORAM COLONOS, pois não vieram sob contrato para serviço determinado e com preço estipulado, quase em regime escravo, ousaria dizer; não são colonos, no sentido histórico nem sociológico. É bom que isso fique claro e fixado de uma vez por todas.

5º - Em 16 de março de 1843, Dom Pedro II mandou por Decreto a construção da cidade de Petrópolis, quando, Cascatinha, como povoado, já existia, resultante dos portugueses que desde antes dos alemães habitavam na região, pelo fato da passagem para Minas, pela antiga e benfazeja Estrada denominada de Caminho Novo. Mais: Itamarativa já constava na planta original de Koeler como Quarteirão e entre 1735 e 1752, Bernardo Soares de Proença, pessoalmente, dirigiu os destinos da sua Fazenda Itamarati, núcleo inicial da futura Cascatinha e mesmo de Petrópolis.

Entretanto, nada disso seria grave, apenas bom, muito bom como foi ter sido realizada a festa comentada, se o povo não gravasse na memória e tivesse como certo, com o passar do tempo, que aquela data é uma verdade histórica e que os italianos tecelões foram colonos...

Desejo e convido, para uma aproximação com o Instituto Histórico de Petrópolis, dessas pessoas motivadas, e bem intencionadas em relação à história de Cascatinha, sua gente e sua fábrica; a colocarem o carro nos eixos, eixos da história, para o bem, pelo mais alto da verdadeira verdade histórica, como sugere a bandeira e o brasão do município: Altiora Semper Petens.

A Festa, foi uma idealização de Wilma Borsato, reali-

zada sob a Coordenação Geral de Rosane Cross, tendo como Organizador da exposição denominada NOSSO BAIRRO, NOSSA GENTE, o Jornalista Lester Carneiro que, para esse trabalho, contou com a colaboração do "velho" De Polli. E a tudo não faltou o apoio decidido da Associação dos Moradores de Cascatinha.

## PRIMEIRA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE SEDAS

Mais uma iniciativa pioneira dos italianos em Petrópolis, a criação da Primeira Indústria Brasileira de Sedas. Isso se deveu à indômita vontade do seu fundador, o italiano Edoardo Capitanni.

A indústria teria iniciado suas atividades com o nome de Fábrica de Sedas, depois, Companhia Fábrica de Tecidos de Seda Santa Elena, sem o "H", como é escrito em italiano e, mais tarde, Sociedade Anônima Fábrica de Sedas Santa Helena.

De qualquer forma, as mutações ocorridas são resultantes de dados que, combinados, levam à conclusão, não somente quanto ao nome da fábrica, como, também, sobre a época do início do seu funcionamento.

Conforme assentado no 1º Livro Diário da contabilidade da fábrica, a data mais remota é de 28 de janeiro de 1909. Entretanto, no frontispício da fábrica que dá para a rua Marciano Magalhães, está, no estuque, a era de 1908.

Na memória da indústria se contém a informação de que uma máquina secadora, feita em madeira, continha uma placa indicativa de época: 1901.

Publicação do Ministério das Relações Exteriores da Itália dá conta da criação da Primeira Indústria Brasileira de Sedas, em Petrópolis, em data anterior às constantes no 1º Livro Diário da contabilidade da S/A Fábrica de Sedas Santa Helena. Esse mesmo livro relaciona vários nomes italianos com a fábrica: Lazaro, Ronchette, Passarello, Pagliaro, Rofinetti, Portella, Luisello, Lilla, Savarese, Pessurno, Di Lonardo e, mais contemporaneamente, Lodi, Pavanetto e Padula.

De qualquer forma, embora funcionando em Petrópolis, no Morin, em 1909, a sede da empresa era no Rio de Janeiro, na rua da Alfândega, 25 - loja; o capital era de seiscentos contos de reis representado por três mil ações de duzentos mil reis.

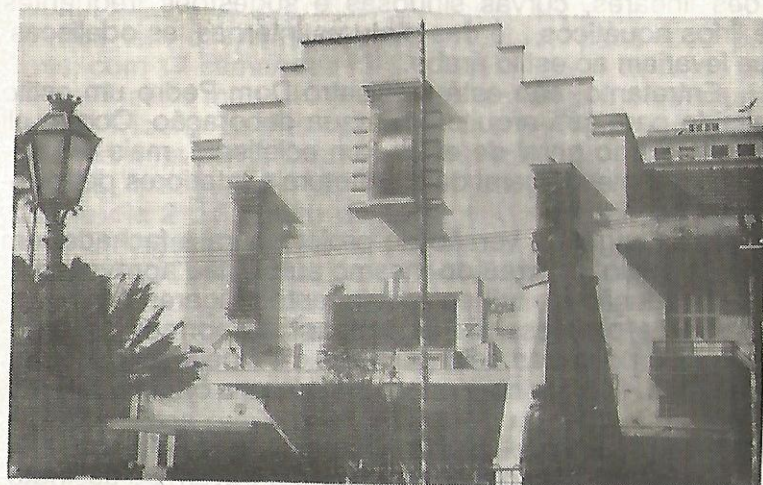
Note-se que o Livro Diário, primeiro da contabilidade da Santa Helena, tem termo de abertura datado de 27 de março de 1909 e nos seus primeiros lançamentos contábeis alude às Assembléias realizadas em 28 de janeiro e em 01 de março do mesmo ano de 1909, registrando esses lançamentos a pré-existência de uma fábrica que a

S/A Fábrica de Sedas Santa Helena vinha de adquirir e constante de: "Fábrica e Terrenos, Almocharifado, Tinturaria, Machinários, Móveis, Combustíveis" (SIC). Essa aquisição significava 2.440 ações das 3.000 que perfaziam o capital da nova empresa.

Em suma, a Fábrica de Sedas fundada por Edoardo Capitanni, pelo cotejo destes dados, remanesce na fábrica pré-existente adquirida pelas 2.440 ações do capital da nova Sociedade Anônima, em 1909. Aí a pioneira Primeira Indústria Brasileira de Sedas.

## O THEATRO DOM PEDRO

### UMA OBRA DE ITALIANOS



*THEATRO D. PEDRO - mais uma obra de italianos. Foto: Raul Lopes.*

### I - Notas

... e lá estavam o Juiz de Direito, o Prefeito, o empresário antagonista, personalidades gradas, muita gente; muita festa, que era o dia 2 de janeiro de 1933, em matinée, pelas 15 horas e 30 minutos, em sessão dupla, na tela e no palco. Inaugurava-se o Theatro Dom Pedro!...

Um empreendimento da Empresa D'Angelo & Cia. Ltda.

Projeto do arquiteto Armando de Oliveira.

Construção de Francisco De Carolis.

Assistência Técnica do Engenheiro e Arquiteto Roberto Caburi.

Decoração e Pintura de Carlos Schaefer.

Os estilos, o arquitetônico e o decorativo do prédio, indefinidos, passam pelo arquitetônico internacional, são tidos como Art-Nouveau ou Art-Déco; os motivos florais possibilitam a idéia de transição para o construtivismo; modernista no geral, pelo pó-de-pedra no revestimento externo e pelo acabamento interno; a conjugação de motivos geométricos e florais e o uso do ferro trabalhado ar-

tisticamente na arquitetura, os motivos planos de combinação geométrica em confrontação de opostos desiguais, propiciam, no seu conjunto, um estilo baseado em padrões lineares, curvas sinuosas e sugestões freqüentes de lírios aquáticos... e das pinturas internas, as odaliscas, que levariam ao estilo árabe.

Entretanto, não está no Teatro Dom Pedro um estilo definido para sua arquitetura e sua decoração. Ocorre ali um hibridismo geral de estilo, um ecletismo, mais ou menos constante no geral da arquitetura e interiores petropolitanos.

Uma segunda versão de projeto para a fachada, em estilo egípcio, ocorreu, do mesmo autor, não aproveitado.

A redução de mil para quinhentos lugares é uma resultante de progressivas mudanças nas normas de segurança ocorridas nas seis décadas do cine-teatro. Mas os camarotes, ficaram com o mesmo número original.

Nas paredes e colunas do último andar interno, sobre a coxia e o palco do Teatro, encontravam-se assinaturas: Alda Garrido, 19 de setembro de 1939; Alda Garrido, novamente, com data de 20 de janeiro de 1941; Paulo Santos, 1935 e novamente Paulo Santos, contemporaneamente com Alda Garrido, em 1939. Uma assinatura especialmente curiosa grava a passagem da requisitada Companhia nos seguintes termos: "Maranhense, Danilo Braga Branco, Machinista dia Cia. Raul Roulien 8 de abril de 1945" (SIC)

A Empresa D'angelo, dos irmãos João, Donato, Domingos Antônio, Alexandre, Nicola e Rocco Gentile, este, primo dos Irmãos D'Angelo, construiu, primeiro, o edifício para a confeitaria, a Casa D'Angelo, depois, o edifício do Teatro e do Hotel.

Esse prédio era denominado Edifício D'Angelo.

## II - Notícias

"O Theatro Dom Pedro foi inaugurado no dia 2 de janeiro de 1933, compareceu o Dr. Yeddo Fiúza, Prefeito Municipal, presenças gradas, o Sr. Roldão Barbosa, empresário dos Theatros Petrópolis e Capitólio e do Cinema Glória, que enviou cesta de rosas à nova empresa", foi este o registro da revista Pequena Ilustração, nº 71, ano II,

Petrópolis, 08 de janeiro de 1933. Noticiou também, que "a Empresa D'Angelo contratou uma Orchestra de Professores sob os cuidados e regência dos irmãos Octávio e Leonel Maul; que o Edifício D'Angelo, além de 17 apartamentos tem o Theatro com capacidade para 1000 pessoas, com 17 camarotes na 2ª platéia; que a boca do palco do Theatro mede 10 metros de largura por 8 de altura".

A Tribuna de Petrópolis do dia 28 de dezembro de 1932 dá uma panorâmica do que ocorria na cidade na altura da "inauguração do Theatro Dom Pedro, anunciada para o dia 2 de janeiro de 1933, iniciativa do empresário João D'Angelo, para dotar Petrópolis com três Theatros: Petrópolis, Capitólio e Dom Pedro; que a administração municipal do dr. Yeddo Fiúza, remodelara a praça Dom Pedro, agora completada em suas duas partes às margens da bacia dos rios com os dois prédios da iniciativa dos Irmãos D'Angelo, lembrando, embora: "Época de crise econômica que em toda parte se faz sentir", ressaltou a personalidade do empresário João Xavier, fundador da Casa Xavier, 1º Vice-Cônsul Português em Petrópolis, extraordinário progressista e renovador que construiu o 1º Theatro, o Petrópolis e, depois, o Capitólio, em outra época de crise econômica". Era a seguinte a programação dos teatros e cinemas petropolitanos naqueles dias:

"no Theatro Capitólio, o Circo dos Irmãos Queirolo, em picadeiro de 12 metros de diâmetro, armado no palco, no dia 29, 5ª andante;

hoje, no Capitólio, em Soireé, às 7:30 h., teremos ocasião de ouvir a maviosa voz de José Mojica em "Meu Último Amor", da Fox;

no Theatro Petrópolis, "Um Passo em Falso", "Vivendo e Aprendendo" e "Mystério da Caveira", comédia sonora e desenho animado;

no Cinema Santa Cecília, "Terror dos Pampas", "Campeão Amoroso" e "Cicatriz Escarlate", em 3ª semana;

no Theatro Dom Pedro, com o telefone 37.59, a ser inaugurado no dia 2 de janeiro de 1933, a Empresa D'Angelo & Cia. Ltda. apresentará o seguinte programa:

Na tela:

Universal-Jornal, novidades.

Manzelle Nitouche, filme-opereta, com Raimu e Jeane Marezza, artistas da Comédie Française.

No palco:

"Plaquete", passatempo de Henrique Pongetti, pelo Conjunto Novíssima, de que fazem parte Almirante, famoso cantor de sambas, com seu grupo; Zoraide Aranha, a comediante de 5 anos de idade; Pelópidas (Paulo) Graçindo, Lilian Paes Leal, Orgarita del Amico, Luiz Barbosa, etc, etc.

Preços Comuns".

A Tribuna do mesmo dia, ainda informava:

"Chegada do Grande Circo Holden, em Trem Especial, para ser armado na rua Dom Pedro I, ao lado da Capela São Vicente de Paulo. Sendo os panos impermeáveis, das mais acreditadas fábricas de Paris, haverá espetáculo, mesmo chovendo".

### III - Relatos

A construção do Teatro Dom Pedro era acompanhada dia a dia pelo Sr. João D'Angelo e seu filho; uma ou duas vezes por semana a obra era assistida por um engenheiro e arquiteto italiano, especializado em teatro-acústica, que estava no Brasil a serviço e que D'Angelo contratara, para junto com Francisco De Carolis, propiciarem modernidades ao novo teatro. Esse engenheiro e arquiteto, o dr. Caburi, é certo, quando de suas vindas a Petrópolis, com João D'Angelo e De Carolis só falava em italiano. Como dessas conversações ficava claro que D'Angelo desejava encenar operetas e óperas, tais como O Escravo e o Guarany, de Carlos Gomes, e La Traviata, que, aliás, de fato, ali foram à cena, o engenheiro Caburi entendia que o palco deveria ser maior, mas o terreno destinado à construção não comportava. Foi quando D'Angelo adquiriu de Alcindo Lemos, mais 5 metros de área contígua, possibilitando a obra como prevista por Caburi. A ação do engenheiro Caburi terá sido responsável pela modernidade no estilo da construção e da decoração interna e mesmo da iluminação artística da sala e das cenas teatrais. Por Caburi foi apresentado um álbum italiano sobre alegorias decorativas para teatros do qual teriam sido tiradas as figuras de odaliscas a serem pintadas nos vãos entre as colunas, no 2º piso da sala de espetáculos, e os motivos florais fixados por Carlos Schaefer, o pintor petropolitano responsável pela realização desses aspectos artísticos. Os dispositivos de iluminação ainda não eram

coordenados e acionados pela eletrônica e, então, Caburi montou um sistema de tubos, contendo uma solução salgada, nos quais eram mergulhados pêndulos metálicos que, à proporção que entravam e saíam do líquido, provocavam aumentos ou diminuições da intensidade das lâmpadas, gerando efeitos de iluminação. Ainda menino, o filho do empresário tinha grande habilidade em desenho, excelente aluno que sempre foi dessa instrução artística. Por isso foi solicitado por De Carolis a que desenhasse um monograma com as letras TDP, que seria o logotipo do Theatro Dom Pedro. Feito o desenho, e aceito, foi o risco passado em estuque e pintura no alto da boca-de-cena do Teatro. Nessa peça de arte se contém a assinatura do seu autor, o dr. Donato D'Angelo que gostaria de rever sua assinatura, na sua primeira obra artística, perpetuada no acervo do Theatro Dom Pedro. Mas o espírito progressista que a tudo movia e dotava a Praça Dom Pedro, na Petrópolis neo-clássica e tradicionalista do novo teatro era do modernista João D'Angelo, italiano de mínima instrução formal-escolar e de máximo proveito da Educação Permanente, da educação da vida, do exemplo, da capacidade especial dos ítalo imigrados de, adaptando-se à nova terra, propiciarem o progresso e a modernidade no crescimento em suas atitudes de empreendedores na busca de melhoras e de ganhos para os seus e para os circunstantes. Essa capacidade se detecta, em geral, nos italianos vindos para Petrópolis, propiciadores de progresso e desenvolvimento, social e econômico, permanentes, mais que qualquer outro grupamento de nação imigrante, que eram os ítalo os da indústria, do comércio e dos serviços, por suas múltiplas prestações em atividades de caráter progressista e econômico-social. E João (Giovanni) D'Angelo, que capitaneava o grupo empresarial dos Irmãos D'Angelo, chegou a Petrópolis para cumprir a saga do seu destino brasileiro, começando como carregador na estação ferroviária, do que, nunca esquecido, apregoava como motivação e estímulos educativos que, certa vez, carregara nas costas, uma máquina de costura Singer, da estação a Cascatinha!... Mas sabia que da pertinácia surgiria o êxito, e assim ensinava ao filho, conduzia a família e progredia nos negócios para mandar buscar na Itália, um a um, os seus irmãos, para que viessem trabalhar com ele formando um grupo necessário para os empreendimentos que imaginava realizar. Chegados os

irmãos, matriculou-os na Escola Italiana de Petrópolis, criada pelos próprios ítalos aqui imigrados, para aprenderem português e italiano e, nas duas línguas, lerem e escreverem, além do mais necessário para a vida no contar e calcular. Mas, cansados pelo trabalho forte durante o dia, dormitavam durante as aulas. Giovanni, sabendo disso, novamente pratica da Educação Permanente o aspecto pedagógico da educação pelo exemplo. Matriculou-se, também, para juntos, em um amplo estímulo, estudarem para a busca dos objetivos fixados.

Na sua modernidade de concepção, visão do futuro e compreensão, Giovanni imaginara um Edifício de onze andares para onde está a Casa D'Angelo, tendo mandado bater a primeira Estaca Franki. Ficou perdida. Que o governo não aceitou a idéia e não permitiu a obra, sendo construído o prédio da Confeitaria como atualmente é conhecido. Já, desde a época, D'Angelo preferia o avião ao navio, pela velocidade e pela modernidade. E via no futuro o motivo geral de sua expectativa, a decidir-se por realizar um Hotel e um Teatro. Mas, por que um teatro? Respondia: - Esses que existem não são teatros, são cinemas... Toda 6ª feira Giovanni ia ao Rio, às compras para a confeitaria e contatos para a realização de contratos com artistas, contratos esses que incluíam hospedagem no Hotel Dom Pedro. Por todos os meios continuou tentativas de contratações artísticas, que foram diminuindo e dificultadas, gradativamente, até que Giovanni D'Angelo, resolveu-se por arrendar o Teatro a Agenor Leite Ribeiro, que, sem êxito, devolveu a locação, a seguir feita a J.A. Pernambuco por bastante tempo. Após, o exibidor Luiz Severiano Ribeiro explorou a casa até recentemente. D'Angelo, embora gostando muito de música, não tinha aptidão pessoal para essa arte, mas tentava propiciar a Petrópolis o melhor de espetáculos dessa natureza. Entretanto, foi obrigado a recorrer ao cinema... Só obtendo melhores programas com películas da Pathé Filmes, UFA e vários filmes italianos, pois que as demais salas de cinemas em Petrópolis, empresadas por Roldão Barbosa, já mantinham contratos com as melhores produtoras cinematográficas, bloqueando, como em monopólio, o ramo de distribuição da sétima arte. O Cine-Teatro Dom Pedro possuía um piano de cauda inteira, importado da Alemanha, da marca Blütnner, de concerto, cujo destino não foi possível localizar ou identificar. De qualquer forma estive-

ram no palco do Dom Pedro Companhias Líricas e de Operetas; Linda Batistal seu pai, o velho Batista, que era ventríloquo; Vicente Celestino, Gilda de Abreu, Almirante e Noel Rosa; na tela os grandes filmes de Jean Kepura e Martha Eghert, musicais de melodias muito bonitas e fáceis que no dia seguinte as pessoas assoviavam pelas ruas. Desapropriado em sua propriedade do teatro que herdou dos pais, o dr. Donato D'Angelo, ao terminar seu depoimento para este Ensaio, indagado do que por final sentia por tudo relacionado com o teatro, declarou sua melhor expectativa e agradecimento por tudo bom e melhor de arte em Petrópolis que se fizer no futuro Teatro, pois assim se realizarão ricos e antigos ideais; que sente, em realidade "Emoção pelo pai".

O projeto original do arquiteto Armando de Oliveira, previa que a parte de cimento armado ficaria a cargo de Gia Oblino S/A., que o Hotel seria de 17 apartamentos e a obra conteria piso de cerâmica americana importada e seis lojas; o teatro, com 17 camarotes divididos em imbuía lustrada, balcão e galeria com assentos em cantaria. A obra geral custou 1500 contos de reis. O palco teria 19 x 10 m, a boca-de-cena 10 x 8 m, sendo a elevação máxima dos cenários de 20 metros. Por tudo e tantos os jornais da época consignam um título em desuso para Petrópolis, chamavam a cidade de Rainha da Serra (SIC). A platéia media 20 x 14,50 m com 500 lugares, o balcão 250 lugares e na galeria ou geral, mais 250 lugares. Compareceram à inauguração o Juiz de Direção, dr. Nunes Perestrello e mais... e transcorreu a inauguração: Hino Nacional, pela Orchestra do Teatro, regida por Octávio Maul; os filmes programados; palavras do ator Pelópidas (Paulo) Gracindo de agradecimento em nome dos artistas, da comunidade e da Empresa D'Angelo & Irmãos Ltda., Sinfonia da Opera O Guarany, pela Orchestra do Teatro; apresentação de Almirante e de seu Conjunto Tangará; número de Lilian Paes Leme cantando e dançando a canção All For Me; passatempo de Pongetti, o entre-ato Arsenio Lupin, com Laura Soares e Pelópidas (Paulo) Gracindo; Alicinha Archambeau cantou Mulato de Qualidade; apresentação do Trio TBT com canções humorísticas; Laura Soares cantou Te Quiero e a pòchade último Verão da Serra, com Lilian Paes Leme e Tinoco Filho.

A partir da inauguração ocorreram apresentações de espetáculos de Temporada Lírica; da Cia. Brasileira de

Operetas que levou em récitas de assinaturas e extraordinárias: Princesa dos Dólares, Conde de Luxemburgo, Eva, Princesa das Czardas, Mazurka Azul, Viúva Alegre e Casta Suzana; e, ainda, da Cia. de Alda Garrido, Villar & Cia., Jararaca e Ratinho, Leonor Mattos, Napoleão Aguiar, Cacilda Becker, Henriqueta Briebe, Jayme Costa, Procópio Ferreira e sua filha Bibi.

Na gerência ou como encarregados do Dom Pedro estiveram José Trotta, Thomaz de Moraes, José Santos, Octávio de Souza Bastos e Benjamin Sirimarco.

No cine-teatro, às segundas-feiras, sessão feminina, para senhoras e senhoritas, a 1\$100 reis.

E não seja esquecido o artista do pincel, Antônio Agostini (Nico), que pintava os cartazes e fazia os desenhos de promoções de filmes. Nas lojas funcionaram os Restaurante Viena, de Ribas Villa, depois Imperador e Galleto; a Casa Dom Pedro, confeitaria do casal Cross; a Casa De Carolis; a Musical e a Leiteria Central.

#### IV - REGISTRO

A pintura decorativa do Teatro Dom Pedro, inspirada, também, das sugestões de Roberto Caburi, autor da iluminação, foi realizada pelo artista Carlos Schaefer, petropolitano de duas gerações. Por ter sido excelente aluno de desenho na escola dos franciscanos, um frade obteve para ele uma bolsa de estudos na Alemanha, onde esteve por oito anos, estudando pintura, escultura e decoração e aprendeu a introdução da pintura decorativa interna. Schaefer era conhecido e muito requisitado para trabalhos artísticos em várias mansões, em Petrópolis e no Rio. As famílias em destaque na sociedade carioca que veraneavam em Petrópolis contratavam seus serviços para restauração e conservação em suas casas, daí o convite de D'Angelo.

Schaefer fez dois projetos para a decoração e a pintura. Um acadêmico, inspirado em rascunhos de seu avô, possivelmente, a partir de pinturas e desenhos existentes em um dos palácios importantes de Viena e, um outro, a que chamava futurista, em flores, com as corolas viradas de cabeça para baixo. E este foi o escolhido por D'Angelo.

Schaefer era o que se poderia chamar de um Mestre-Pintor. Fazia ele mesmo as tintas no local, moendo

pigmentos e misturando cores. No caso do Teatro utilizou muito a cor verde-Paris, bastante tóxica, donde a uremia que o vitimou. Trabalhava com até seis auxiliares, utilizando chapas, recortadas em casa, que reproduziam os desenhos projetados e que eram colocados sobre as paredes e o teto e as tintas aplicadas por meio de esponjas, rolos e pincéis. Para a colocação das chapas recortadas, esquadrihava as paredes e o teto com batidelas de barbante esticado, passado no giz, que deixavam marcas, a seguir removidas com facilidade.

A mistura dos pigmentos de cor, óleo e cola exigia apurada sensibilidade e técnica equilibrada para a realização das tonalidades solicitadas pelo contratante. Para a aquisição desses materiais, todos importados, tinha como fornecedora a Casa Cruz de Malta, no Rio de Janeiro.

Para a pintura do teto Schaefer utilizava andaimes, sobre os quais trabalhava deitado, em posição desconfortável, mas a única para viabilizar a sua arte.

Schaefer deixou obras de pintura e escultura na Capela do Colégio Santa Isabel, na Igreja dos Franciscanos e, de pintura, na Câmara Municipal.

De Carlos Schaefer eram as placas, tradição nos jardins petropolitanos, que ele confeccionava, restaurava e oferecia à municipalidade, e que continham um apelo de absoluta atualidade ecológica pelos dizeres: "Não Maltrate as Plantas, Não Mate os Passarinhos".

Em suma e em conclusão: o Teatro Dom Pedro é a resultante do esforço, do pioneirismo, do interesse e da vontade de possibilitar a Petrópolis uma ação cultural, pelo bem, pelo belo, pela arte. Uma obra de italianos!...

biblioteca  
municipal  
petrópolis